

A INVENÇÃO DAS MULHERES

OYEWUMI, OYERONKE. *The invention of women: making an African sense of Western gender discourses*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1997.

Ana Claudia Oliveira Neri Alves[1]

Áurea Regina do Nascimento Santos[2]

Nascida na Nigéria, Oyeronke Oyewumi estudou na Universidade de Ibadan e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seu livro *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*[3] ganhou o prêmio *Distinguished Book Award* de 1998 na seção de Gênero e Sexo da Associação Americana de Sociologia e foi finalista para o Prêmio Herskovitts da Associação de Estudos Africanos no mesmo ano. Atualmente, ela é professora associada de Sociologia na Universidade Estadual de Nova York em Stony Brook, onde ministra aulas sobre gênero, globalização e teoria feminista. Desde 2010, faz parte de um grupo internacional de trabalho em um projeto sobre sexo, nação e descolonização na Ásia Central a convite do Centro de Estudos de Gênero da Universidade do Cazaquistão.

O trabalho de Oyeronke emprega uma perspectiva comparativa e interdisciplinar trazendo, para o primeiro plano, um ponto de vista Africano que permanece em grande parte desconhecido e sub-representado na academia. Grande parte de sua pesquisa acadêmica e da sua escrita baseia-se em experiências africanas para iluminar questões teóricas pertinentes a uma ampla gama de disciplinas, incluindo sociologia, ciência política, estudos de mulheres, religião, história e literatura, como

uma tentativa de ampliar a compreensão acadêmica para incluir culturas não-ocidentais. Em toda a sua obra, a intenção é fornecer uma compreensão mais matizada das diversas formas através das quais as sociedades se apresentam extremamente complexas e em estado de constante mudança e, portanto, não podem ser entendidas através de formulações reducionistas.

Em *The Invention of Women*, Oyeronke Oyewumi argumenta que a narrativa da corporeidade sexista que domina a interpretação ocidental do mundo social é um discurso cultural e não pode ser pressuposto de forma acrítica em outras culturas. Ela conclui que o gênero não é construído apenas socialmente, mas também é historicamente. Além disso, ela ressalta que a implantação atual do gênero como categoria social universal e atemporal não pode ser dissociada do domínio das culturas europeias e estadunidense no sistema global, nem da ideologia do determinismo biológico que sustenta os sistemas ocidentais de conhecimento.

A autora critica os princípios fundamentais do pensamento feminista ocidental - mulher e sexo/gênero - e argumenta que estes conceitos básicos vêm da idéia da família nuclear.

Oyewumi atribui a ideia de diferenças biológicas para a visão da história intelectual europeia. Privilegiar o visual facilita a ênfase na aparência e em marcadores de diferença visíveis. A autora oferece uma crítica feminista pós-colonial de dominação ocidental em estudos africanos ao declarar que, apesar de muitos estudos afirmarem o contrário, o gênero não era um princípio de organização na sociedade Iorubá antes da colonização pelo Ocidente.

A relação entre as mulheres africanas e o feminismo é controversa. Nesta relação, a questão é saber se a irmandade - um mantra assumindo uma opressão comum de todas as mulheres e significando as relações entre feminismo

internacional/intercultural - descreve a representação simbólica e funcional das mulheres africanas.

As contribuições de Oyewumi nos conscientizam sobre o discurso global a respeito das mulheres como os articulados por feministas ocidentais e interrogam as questões levantadas pela má interpretação das mulheres africanas pelas feministas americanas negras e brancas. As implicações do domínio dos homens e mulheres ocidentais na produção de conhecimento sobre a África também são exploradas.

A análise de Oyeronke Oyewumi avança sobre o mapeamento pós-colonial do Europeu diferente do que tem sido desenvolvido nas últimas décadas. As categorias de gênero eram um tipo de 'nova tradição' biológica que o colonialismo europeu institucionalizou na cultura Iorubá, bem como em outras culturas.

Para a autora, a 'questão da mulher' é ocidental, e não uma lente através da qual se possa visualizar a sociedade africana. Ela repensa o gênero como uma construção ocidental, *The Invention of Women* oferece uma nova maneira de entender tanto a cultura Iorubá, quanto as culturas ocidentais. Oyewumi revela uma ideologia do determinismo biológico no coração das sociais categorias do Ocidente - a ideia de que a biologia fornece a justificativa para organizar o mundo social. E, no entanto, ela afirma que o conceito de 'mulher', central para essa ideologia e para os discursos ocidentais sobre gênero, simplesmente não existia na cultura Iorubá, onde o corpo não era a base de papéis sociais.

Através de capítulos como *Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects*[4], *(Re)constituting the Cosmology and Sociocultural Institutions of Oyo-Yoruba*[5], e *Making History, Creating Gender: The Invention of Men and Kings in the Writing of Oyo Oral Traditions*[6], Oyewumi aponta que a mulher, como uma categoria social, não existia na sociedade Iorubá no tempo pré-colonial. Ela afirma que o conceito ocidental de gênero é baseado no corpo, um conceito que nunca surgiu na sociedade Iorubá.

Embora a sociedade Iorubá tenha sido organizada hierarquicamente, essa relação entre os indivíduos dependia da antiguidade ou da idade e não do gênero.

De acordo com Oyewumi, o comércio de escravos pelo Atlântico provocou uma mudança na sociedade Iorubá a partir da estrutura social baseada na idade para uma hierarquia baseada no gênero.

A atmosfera colonial fez a sua entrada na sociedade Iorubá com o comércio de escravos e não com o Novo Imperialismo do final do século XIX. No período anterior ao comércio de escravos, a língua Iorubá não possuía palavras específicas de gênero, não tendo nenhuma referência a palavras como filho, filha, irmão ou irmã. Os nomes Iorubás também não eram específicos para cada sexo. No entanto, recentes acadêmicos Iorubás e historiadores familiarizados com a cultura e a língua têm assumido que o sexo masculino é a norma; seguindo a tradição da língua inglesa/ocidental, eles têm transformado a história e a cultura Iorubás em uma cultura patriarcal (OYEWUMI, 1997, p. 29-30).

Sua análise mostra a natureza paradoxal de dois pressupostos fundamentais da teoria feminista: que o gênero é construído socialmente e que a subordinação das mulheres é universal. O que Oyewumi argumenta, convincentemente, utilizando a sociedade Iorubá pré-colonial como um estudo de caso, é que, embora o gênero como categoria de análise funcione para as sociedades e as culturas ocidentais, a mesma teoria analítica não pode ser aplicada a outras regiões do mundo, a menos que se queira impor teorias ocidentais de gênero para interpretar outras culturas.

No capítulo intitulado *Colonizing Bodies and Minds: Gender and Colonialism*[7], Oyewumi discute as maneiras como a estrutura patriarcal colonial alterou as estruturas sociais e políticas da sociedade Iorubá. Antes da colonização, havia chefes do sexo feminino e funcionários em toda a terra Iorubá mas os britânicos nomearam homens africanos como chefes para transferir o poder judicial da comunidade para o conselho

de chefes do sexo masculino (OYEWUMI, 1997, p. 124-5). Assim, as mulheres Iorubás emergiram como uma categoria identificável, definida por seu gênero e, em seguida, tornaram-se subordinadas aos homens.

A autora demonstra repetidamente que em muitos níveis, as questões de linguagem e tradução são fundamentais para este estudo. As teóricas feministas ocidentais enfatizaram a importância da linguagem na construção de gênero. No Ocidente de língua inglesa, as feministas têm mostrado as conexões entre a centralidade do masculino da língua e o *status* secundário das mulheres nas suas sociedades, caracterizando a linguagem é uma instituição social.

De acordo com Oyewumi, o fato é que o termo 'mulheres' foi criado pela sociedade patriarcal usando um discurso para torná-las o 'outro' e destruir a sua capacidade de manter a igualdade com os homens em sociedades colonizadas; sendo esta a herança do mundo pós-colonial, muitas línguas africanas não têm categorias de parentesco específicas de gênero como irmã e irmão.

A autora nos dá um exemplo: em Iorubá, *oba*, que significa *governante*, denota uma posição social a ser ocupada por um homem ou por uma mulher. Entretanto, na tradução ocidental, *oba* passou a significar 'rei' (OYEWUMI, 1997, p. 30). Porque, de acordo com a pesquisadora Signe Arnfred (2004), sempre que os ocidentais veem um trono, eles esperam que um homem esteja sentado sobre ele.

Desde o período colonial, a maneira na qual a história Iorubá está sendo reconstituída tem sido um processo de inventar tradições de gênero. Homens e mulheres foram inventados como categorias sociais e a história é apresentada como sendo dominada por atores masculinos. Sujeitos do sexo feminino estão praticamente ausentes e onde elas são reconhecidas, elas são reduzidas a exceções.

Com o capítulo *The Translation of Cultures: Engendering Yoruba Language, Orature, and World-Sense*[8], Oyewumi conclui que todo o conceito ocidental baseia suas

categorias e hierarquias sobre os modos visuais e distinções binárias: masculino e feminino, brancos e negros, homossexuais e heterossexuais, etc. De acordo com a autora, o corpo físico é, portanto, sempre ligado ao corpo social e as distinções de gênero se refletem na língua.

Seu estudo levanta o questionamento sobre a possibilidade de realização de uma pesquisa com interesses independentes mesmo muitas disciplinas tendo origem no Ocidente e a contínua dominação ocidental no mundo.

REFERÊNCIAS

ARNFRED, Signe. Gender research in Africa: Dilemmas and Challenges as Seen by an Outsider. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. Dakar: Codesria (Codesria Gender series vol 1.) pp. 82-100, 2004.

OYEWUMI, Oyeronke. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1997.

STONY BROOK UNIVERSITY - College of Arts and Sciences, Department of Sociology. Disponível em:

<http://www.stonybrook.edu/commcms/sociology/people/faculty/oyewumi.html>

Acesso em: 10 Ago. 2016

[1] Mestranda em Letras (UESPI). Docente de Língua Inglesa do IFPI – Campus Piripiri.

[2] Mestra em Letras (UESPI). Docente de Língua Inglesa do IFPI – Campus Teresina Central.

[3] *A invenção das mulheres: dando um sentido africano aos discursos ocidentais de gênero* (tradução nossa).

[4] *Visualizando o corpo: teorias ocidentais e os sujeitos africanos* (tradução nossa).

- [5] *(Re)constituindo a cosmologia e as instituições socioculturais Oyo-Iorubá* (tradução nossa).
- [6] *Fazendo história, criando gênero: a invenção dos homens e reis na escrita das tradições orais Oyo* (tradução nossa).
- [7] *Colonizando corpos e mentes: gênero e colonialismo* (tradução nossa).
- [8] *A tradução das culturas: a criação da língua Iorubá, oralidade, e percepção de mundo* (tradução nossa).